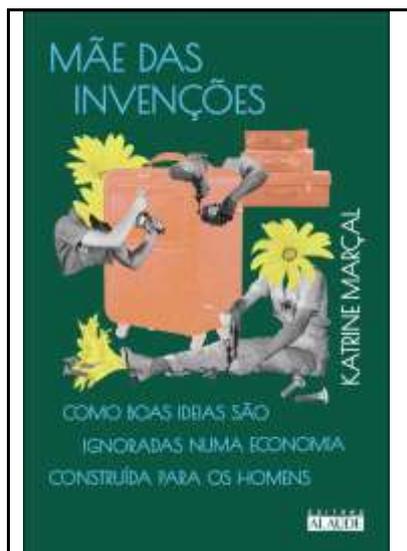




A ECONOMIA FEITA POR MULHERES, MAS NÃO PARA AS MULHERES



MARÇAL, Katrine. **Mãe das Invenções**: como boas ideias são ignoradas numa economia construída para os homens. Traduzida por Rosane Albert. Rio de Janeiro: Alta Books. 2023, 292 p.

Indaiá Demarchi Klein¹

Resumo: A tecnologia e suas inovações tornam-se cada dia mais frequentes no nosso dia-a-dia, tornando-se necessário realizar uma reflexão crítica do seu papel na sociedade. Katrine Marçal, utiliza sua obra para questionar as origens e os usos das novas tecnologias e as mulheres tanto como inventoras, quanto como utilizadoras, aperfeiçoadas destas.

Palavras-chave: Inovações. Mulheres. Tecnologia.

Abstract: Technology and its innovations become more frequent in our daily lives, making it necessary to critically reflect on their role in society. Katrine Marçal uses her work to question the origins and uses of new technologies and women both as inventors and as users, perfecting them.

Keywords: Innovations. Women. Technology.

Resumen: La tecnología y sus innovaciones son cada vez más frecuentes en nuestra vida cotidiana, por lo que es necesario reflexionar críticamente sobre su papel en la sociedad. Katrine Marçal utiliza su trabajo para cuestionar los orígenes y usos de las nuevas tecnologías y a las mujeres tanto como inventoras como usuarias, perfeccionándose.

Palabras clave: Innovaciones. Mujeres. Tecnología.

¹Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: indaia.klein@yahoo.com.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9385304748918537>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2892-1990>.

A obra *Mãe das Invenções*, foi escrita pela escritora sueca Katrine Marçal, formada em política pela Universidade de Uppsala (Suécia), suas obras publicadas são *Rape and Romance* (2008), onde a partir de uma experiência pessoal, busca a compreender a cultura do estupro e a ideologia em torno deste evento; *Det enda könet* (2012), traduzido como *O Único Sexo*, discute as relações entre a teoria econômica nacional e o patriarcado universal; *Who Cooked Adam Smith's Dinner?* (2015) o qual versa sobre o mito do homem econômico de Adam Smith, o qual não considera a figura feminina na construção das relações econômicas e *Mother of Invention: How Good Ideas Get Ignored in an Economy Built for Men*, onde analisa historicamente como as invenções femininas foram ocultadas ou não-creditadas devidamente, e como todo o mercado foi pensado a partir de uma lógica masculina, no Brasil a obra ganhou tradução por Rosane Albert, e sua publicação pela editora Alta Books em 2023. Nesta obra a autora expressa como a cultura social e econômica (pontua-se, ocidental e eurocentrada, pois a mesma apenas observa a cultura onde está imersa) foi arranjada a partir de um discurso masculino/patriarcal, visando apenas buscar meios para garantir o seu *status quo*, desde uma associação mitológica da origem do Homem (com H maiúsculo) e da mulher (como anexo) até as últimas inovações *high tech*.

O livro encontra-se dividido em cinco partes, constituído por dois capítulos cada, a primeira parte é denominada *Invenções*, composta pelos capítulos: 1) *Como inventamos a roda e, depois de 5 mil anos, demos um jeito de juntá-la a uma mala*, e 2) *Como aprendemos a dar a partida no carro sem fraturar a mandíbula*; o nome dos capítulos permitem aos leitores já criarem suposições sobre o que encontrará ao longo da sua leitura. Nestes capítulos iniciais, Marçal discute as inovações tecnológicas, e o discurso vigente que moldam tais inovações, como os exemplos trazidos: a mala de rodas, onde somente na década de 70, foi pensado em unir a mobilidade das rodas com um bagageiro, pois carregar a mala, era uma função masculina (força), não havendo motivos para criar um transporte de bagagem “confortável” e os automóveis elétricos, no início do século XX, os quais para ligá-los era necessário somente apertar um botão dentro da cabine do motorista, tornando-se assim o arquétipo de veículo utilizado por mulheres, afinal era este era mais seguro, mais limpo, menos barulhento e também atingia menor velocidade.

Em ambos contextos retratados, é possível observar uma ideia pré-concebida de “masculino” e “feminino” na sociedade além de uma hierarquização destas, para finalmente haver uma alteração de determinadas ações relacionadas ao gênero após as invenções citadas.

Deste modo podemos pensar a partir da “masculinidade hegemônica”, debatida por Connell, Messerschmidt (2013), onde mesmo havendo alterações no comportamento dos indivíduos classificados como masculino, não há de fato uma alteração na estrutura, mesmo que essas invenções surjam num primeiro momento, como auxílio para as mulheres, logo ganha foro de naturalidade e passa a ser normalizada pelos homens, evitando maior “favorecimento” feminino, como outrora alegado.

Na parte seguinte a autora intitulou de *Tecnologia*, formada pelos capítulos: 3) *Como sutiãs e cintas nos levam à Lua*, e 4) *Como aprendemos a diferença entre cavalos de potência e poder feminino*, onde relaciona a tecnologia da inovação e a presença feminina por detrás destas, entretanto, muitas vezes ocultada e não referenciada. No capítulo 4, somos apresentadas a relação da tecnologia *versus* o trabalho feminino, realizado pelas mulheres como as primeiras programadoras dos vindouros computadores, durante a década de 40. Estas que passavam horas em ambientes pequenos realizando diversos cálculos os quais seriam posteriormente adicionados as equações dos computadores, essa função ganharia uma denominação comercial de *horas-garota*, determinando o preço do trabalho de uma mulher de acordo com seu cargo e conseqüentemente, o seu custo para o empregador.

Com o advento cada vez maior e dependente dos computadores para a sociedade, as empresas de tecnologias começaram a empregar mais homens, a fim de proporcionar credibilidade aos seus produtos, logo os primeiros homens que adentraram nas empresas foram treinados pelas mulheres (que seriam substituídas) e ganhando um salário maior. Essa relação da programação e gênero, vai ser trabalhada por Marçal em diversos momentos ao longo da obra, a fim de discutir como uma função é alterada de acordo com a estrutura da sociedade e sua importância, infelizmente, ainda hoje é possível observar o machismo predominante, no tocante às funções de TI. Marçal nos apresenta um exemplo, no seguinte evento

Em 2017, o engenheiro James Damore foi demitido do Google depois de escrever um memorando que sugeria que as mulheres simplesmente não eram feitas para TI. Tudo se devia à sua constituição biológica, [elas] são mais neuróticas, outra razão para ficarem longe de computadores. Ou, pelo menos, não serem encorajadas, contra a natureza feminina, a assumir um cargo altamente remunerado no Google (2023, p. 97).

Para além do repúdio ao autor do memorando, este também encontrou ressonância para seu argumento, pois muitos acreditam que este não é um espaço feminino, entretanto, ele fora construído para os homens (brancos e héteros), ocultando da história a figura feminina, pois como aponta Connell e Pearse (2015 p.254), “o gênero é uma característica estrutural da vida corporativa, que se liga às relações de gêneros, as compreensões sobre ‘mérito’ e promoções, as técnicas de gerenciamento e administração.”.

Seguindo esse pensamento, a autora segue trabalhando o conceito de “feminino” dentro da estrutura econômica e do mercado, na parte denominada *Feminilidade*, constituída pelos capítulos: 5) *Como foi feita uma grande invenção em Västerås, e persistimos na caça à baleia* e 6) *Como influenciadoras ficam mais ricas do que hackers*, discutindo a dimensão das mulheres como pequenas investidoras, no caso do capítulo 5, e em como o mercado de risco opta por investir em negócios apresentados por homens, visando que eles sejam mais capazes de trazer retorno financeiro, enquanto as mulheres são vistas como figuras instáveis, e dedicam-se à negócios considerados “menos sério” (mais “frívolos”). No capítulo seguinte, a autora descreve o cenário do comércio, e sua reestruturação para a era digital, onde muitas mulheres que encontravam-se “apenas” exercendo suas tarefas cotidianas, conseguiram angariar um espaço na internet, divulgando suas rotinas, a partir de dicas, receitas, cuidados dos filhos e do lar, ganhando repercussão e status de *influenciadoras*, conseqüentemente, agitando o comércio eletrônico ao serem requisitadas para realizarem propagandas de certos produtos.

Adentramos a quarta parte da obra a *Mãe das Invenções, Corpo*, com os seguintes capítulos: 7) *Como o cisne negro acaba por ter um corpo* e 8) *Como Serena Williams derrota Garry Kasparov*, capítulos em que autora nos apresenta a construção da narrativa *corpo versus mente*, este último, visto sempre com superioridade, relegando a subalternidade tudo o que fosse corporal. Iniciando o capítulo 7, somos lembrados de um cenário até então, “imprevisível” vivido no ano de 2020, uma pandemia mundial, onde nossos corpos, reclusos ou em trânsito tornaram-se o principal ponto de atenção das medidas de sanitariedade, enquanto alguns dispunham, a partir da possibilidade tecnológica de estarem na reclusão de seus lares, gerindo suas despensas com aplicativos de mercado, ou solicitando entregas de comida, remédios e demais itens em casa, outros estavam cumprindo estas ações, sendo gerenciado por um celular o qual “ordenava” qual era o produto e como encontrar o ponto de entrega, a autora observou que a tecnologia não evoluiu em busca de automatizar estas ações,

mas para gerenciá-las, não há necessidade de criar um robô que realize uma função complexa, se há um humano que aceite realizá-la por um baixo valor, ou seja, não havendo uma estrutura que se preocupe realmente com o corpo presente, pois,

ser lembrado do corpo é ser lembrado que a vulnerabilidade e completa dependência também fazem parte da experiência humana. Ser lembrado de que o corpo nasce de outro corpo, e que quando sai do útero fica à mercê do que o rodeia. A doença pode torná-lo dependente mais uma vez, assim como a velhice quase sempre o faz. E não há nada de errado com isso. Faz parte de ser humano (2023 p. 167).

Ou seja, pensar o corpo é pensar suas emoções e afetos, ao invés da busca de associação à máquina e sua jornada de trabalho incessante, e, de acordo com Mariela Solana e Nayla Luz Vacarezza (2020), o nosso sentir e pensar também são espaços de disputa sociais e políticos, baseado nos conceitos patriarcais, hétero *cis* normativo, regulando toda a malha de mercado a qual não considera o corpo em deslocamento, o corpo fragilizado, pois é essa fragilidade associada ao feminino, visando o corpo que gesta, que pari e que alimenta, o corpo tem sua construção nos afetos e nas suas emoções, algo que não pertence a máquina.

O corpo encontra-se entremeado de uma série de eventos que não são passíveis de verbalizar, o paradoxo de Polanyi², foco principal do capítulo seguinte. Utilizando dos conceitos de Sara Ahmed (2020), entendemos a importância deste tópico, onde Marçal busca demonstrar o quão complexo é a inteligência corporal em comparação à construção da lógica racional, ou seja,

a hierarquia entre emoção e pensamento/razão é deslocada, é claro, para uma hierarquia entre emoções: algumas emoções são “elevadas” como sinais de cultivo, enquanto outras permanecem “inferiores” como sinais de fraqueza. A história da evolução é narrada não apenas como a história do triunfo da razão, mas da capacidade de controlar as emoções e de experimentar o “apropriado” (AHMED, 2020, p. 4).

Devido a busca da tecnologia e assimilação na nossa sociedade, a máquina (num futuro próximo) poderá executar (praticamente todas) as tarefas consideradas “intelectuais”, por suas características de lógica matemática e binária (como jogar xadrez), enquanto, as tarefas que necessitam de uma inteligência corporal (como jogar tênis), continuarão sendo

² “Podemos saber mais do que aquilo que somos capazes de relatar”, escreveu o filósofo e economista húngaro Michael Polanyi, daí o “paradoxo de Polanyi”. Por exemplo, você não seria capaz de calcular a trajetória da tigela caindo, mas ainda assim conseguiria pegá-la. (2023, pg 174)

Resenha: MARÇAL, Katrine. *Mãe das Invenções: como boas ideias são ignoradas numa economia construída para os homens*. Traduzida por Rosane Albert. Rio de Janeiro: Alta Books. 2023, 292 p.

desenvolvidas pelos seres humanos. De acordo com a autora, uma grande parte dos empregos desenvolvidos por homens poderão ser substituídos por máquinas/tecnologias, enquanto as funções que necessitam de afeto, subjetividade emocional e acuidade motora, atualmente funções ocupadas por mulheres, serão mantidas no mercado de trabalho, com mulheres empregadas e os homens desempregados. Até que essa lógica mude, como já abordado por diversas autoras, o “feminino” e o “masculino” são construções sociais e culturais, que se alteram com o tempo.

Marçal finda sua obra com a parte nominada, *Futuro*, com os capítulos 9) *Como acabamos nos esquecendo de perguntar a Mary* e 10) *Como decidimos não pôr fogo no mundo*, onde explora os conceitos desenvolvidos ao longo da sua obra, numa perspectiva de progressão da sociedade. No capítulo 9, a autora dá continuidade aos conceitos iniciados no capítulo anterior, repensando a relação do mercado e gênero, utilizando o paralelo da primeira era das máquinas (Revolução Industrial), onde muitos homens perderam seus empregos para suas esposas, pois estas eram empregadas, ganhando menores salários, dispunham de menos direitos e em piores condições de trabalho. Consequentemente, estes maridos se viram desempregados, tendo que ficar em casa, realizando afazeres domésticos, cena que chocou o teórico Friedrich Engels,

a história de Engels é antes de tudo sobre o sentimento de desesperança que Jack vivenciava: tinha perdido seu orgulho masculino e sua direção de vida. É com isso que Engels quer que o leitor se sinta indignado. E foi assim que muitos leitores se sentiram [...]. A masculinidade ofendida é um problema grave. É uma força que dá margem à violência, ao suicídio e à tragédia familiar, com o poder de criar feridas emocionais que são passadas de geração a geração, em círculos viciosos de orgulho ferido e desesperança. Os homens também têm de desempenhar os papéis do seu gênero, e os homens também sofrem com isso (2023, p. 201-202).

A autora faz a reflexão repensando o gênero dentro do mercado de trabalho, pois com o advento da segunda era das máquinas (interfaces digitais, *high tech*), teremos mais uma leva de desempregados que necessitarão reinventar-se para ocupar os empregos que estarão disponíveis, estes vistos atualmente como “femininos”, a autora também adverte para a possibilidade de acontecer novamente, como houve com o início do computador, onde com maior número de homens empregados, os empregos adquiriam novas conotações e maior valorização, por isso, alerta pensar os afetos, a subjetividade e o corpo como dimensões humanas.

Findando o seu livro com uma discussão dos conceitos de gênero, associados às questões ambientais, onde a “masculinidade hegemônica” observa a preocupação com o meio ambiente, como um sinal de fraqueza, em seus discursos nacionalistas, extremistas e direita, um homem deve subjugar a (Mãe) Natureza,

[os] homens que negam as mudanças climáticas também desprezam as figuras femininas proeminentes dos movimentos em defesa do clima com uma intensidade muito longe de ser incidental [...]. Na verdade, isso se relaciona à percepção deles de que o movimento pelo clima é uma ameaça à sociedade industrial moderna baseada no combustível fóssil que tem sido dominada pela marca própria de masculinidade hétero branca. Se os combustíveis fósseis se forem, então a masculinidade vai junto, é o que imaginam (2023, p 231).

Cabendo a sociedade atual, repensar para o futuro, o lugar do gênero, do ambiente e das inovações, não somente como uma necessidade de progresso, mas da relação “holística” com a natureza, relação às quais foram majoritariamente, construída em torno da essencialização da mulher, mas que em nosso presente cabem como um discurso em prol do ambientalismo, visando um horizonte mais sustentável.

A obra Mãe das Invenções, de Katrine Marçal nos apresenta uma série de conceitos, reflexões e indagações necessárias neste momento em que vivemos, com uma leitura leve e acessível, para todos os públicos, fugindo um pouco do linguajar acadêmico e economicista. Entretanto, a obra não nos apresenta um discurso plural, pois encontra-se centrada no eixo ocidental-eurocentrada, pensando em figuras de mulheres/feminino e homens/masculino pré-existente, não abordando a subjetividade dos indivíduos homossexuais, trans, assexuados, nem nas figuras femininas das mulheres indígenas, estrangeiras, dentre outras invisibilizadas pela estrutura. Assim como não há pluralidade feminina, a figura do homem contruída em seu livro, é baseada no machismo, patriarcal estereotipado de uma “masculinidade hegemônica”, branca, hétero *cis*, eurocentrada, sem considerar as múltiplas masculinidades, e suas diferentes manifestações sociais e culturais. A sociedade não se constituiu somente por estes dois grupos, mas como uma intersecção de diversas subjetividades, as quais se entrelaçam.

Da mesma forma que o cenário econômico, capitalista, eurocentrado é apenas um dos sistemas econômicos existentes, há uma série de demais arranjos de mercado, os quais se comportam de forma distinta ao mercado ocidental atual, muitas vezes alterando suas figuras de protagonismo e de gênero. Infelizmente, estes cenários não encontram-se presentes na obra, e no tocante ao pensar o futuro, a autora olvida-se que em muitas destas comunidades

Resenha: MARÇAL, Katrine. *Mãe das Invenções: como boas ideias são ignoradas numa economia construída para os homens*. Traduzida por Rosane Albert. Rio de Janeiro: Alta Books. 2023, 292 p.

muitos conceitos abordados por ela, já encontram-se em movimento, não carecendo serem inaugurados, apenas repensados numa escala global. Ou seja, a obra apenas encontra-se relegada à reflexão do pensamento eurocentrado, sem ser capaz de transpor as barreiras epistêmicas já consagradas.

Referências

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion** (English Edition) 2nd Revised ed. Edição, eBook Kindle, Edinburgh University Press: Edinburgh, 2014

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**: Florianópolis, 21(1), 2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. Economias, estados e relações de gênero globais. In: **Gênero: uma perspectiva Global**. São Paulo: nVersos, 2015. pp. 251-287

SOLANA, Mariela; VACAREZZA, Nayla Luz. Relecturas feministas del giro afectivo. **Revista Estudios Feministas**: Florianópolis, v. 28, n. 2, e72448, 2020.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (orgs.) **Falas de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999

Recebido em: 15 de novembro de 2024

Aceito em: 4 de dezembro de 2024
